

O fantasma do avô de FHH

FFH deu uma bela entrevista ao repórter Jorge Bastos Moreno. Deixou a alma falar. Resumindo-a, enunciou três conceitos:

1) Gostaria de ser, para o século XXI, o que D. Pedro II, com suas virtudes de conciliador, foi para o XIX.

2) O Brasil está assistindo a um reordenamento de sua sociedade, com o aparecimento de uma nova classe média.

3) Essa nova classe média, produzida por novas atividades profissionais, está silenciada. Não tem voz na vida política nacional. É uma classe que lida com um mundo novo, no qual "quem não estiver inscrito na Internet terá limitações de informações."

O professor Cardoso está fazendo uma falta danada à academia. Idéias como essas fariam a felicidade de qualquer debate. Há nelas alguns enguiços que, para um presidente, são coisa arriscada.

D. Pedro II foi um conciliador? Pode-se dizer que sim, mas cabe uma pergunta: até que ponto sua conciliação era a do dissimulado? O Marquês de Paraná, arquiteto da conciliação do Segundo Reinado, era intratável na vida, na oratória e na conduta. Perdeu um ministério porque não cedeu numa briga em torno da demissão de um poderoso inspetor da Alfândega. Se houvesse um Paraná no PSDB, no ministério de FFH não entraria.

D. Pedro era de outra cepa. Mais

dissimulava do que conciliava. Nomeou o Visconde de Inhoimerim para o Ministério da Fazenda sabendo que ele o acusara de representar uma dinastia degenerada. Disse-lhe que não guardava rancor, ressaltando que não devia esperar que a Imperatriz esquecesse as ofensas. (Golpe velho, transferir a intransigência para a mulher.) Quando Caxias regressou ao Rio, depois da captura de Assunção, Pedro Banana poderia ter abreviado o fim da Guerra do Paraguai. Reinou sobre uma matança de derrotados. Se FFH vier a ser para o século XXI o atraso que D. Pedro foi para o XIX, só resta à choldra esperar pelo XXII.

Quando FFH analisa a sociedade brasileira, identifica a mudança, mas associa-se a ela como carona. Um adolescente que tinha 14 anos no dia de sua posse (a de 1995) pode ter crescido em torno de 5% ao ano, sem que isso venha a ser obra sua. Até porque, desde a República Velha, ele foi o único presidente que dissociou o seu projeto de governo do cresci-

mento econômico acelerado.

Não é o caso de se negar as mudanças produzidas em seu reinado. Elas incorporaram o que há de novo, como as privatizações, assim como no reinado de D. Pedro fizeram-se as primeiras sociedades anônimas. À semelhança do que sucedeu no Império, usou-se o novo para cobrir (e não para substituir) o que havia de velho. Num caso preservou-se a escravidão. No outro, estimulou-se o trabalho informal. Criaram-se mais postos de trabalho nos serviços de segurança privada e na venda de cachorros-quentes do que na informática. Tudo isso e mais os créditos camaradas do BNDES. FFH ainda é o único governante do

mundo em cujo mandato o palácio presidencial desligou a sua caixa de recepção de mensagens eletrônicas. Em 1996, seu governo patrocinou uma marota elevação de tarifas telefônicas destinadas a tungan os usuários privados (e noturnos) da

Internet. Teve o mérito de impedir que os embratecas estatisassem o acesso à rede, mas ainda está longe de entender o seu real significado. Se o tivesse percebido, não diria que as pessoas "se inscrevem na Internet". As pessoas se inscrevem no concurso para o Banco do Brasil. Na rede, compram um serviço, como compram o direito de frequentar um clube ou de receber o sinal de tv a cabo.

Se o seu governo quisesse incentivar a associação da Internet com o progresso social, poderia escolher dois caminhos. Um é o do inglês Tony Blair, que prometeu exigir das companhias telefônicas privatizadas que instalassem cabos em todas as escolas e postos de saúde do País. Ou o americano Bill Clinton, que deu o exemplo indo esticar os cabos numa escola da Califórnia. (Fez isso no dia em que o presidente brasileiro conectava-se à Universidade de Stanford por meio de um título de *doutor honoris causa*.)

O que há de rico nas observações de FFH é sua percepção da mudança que vem ocorrendo na sociedade brasileira. O que poderá haver de enriquecedor nos anos que lhe restam de mandato será a percepção das diferenças que separam D. Pedro II de dois grandes presidentes de períodos de transformação: Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Pode fazer a escolha que bem entender, mas se preferir o Imperador, haverá de ser assombrado pelo fantasma de seu avô, o major Joaquim Inácio Cardoso, que em 1889 participou da cena do banimento do Imperador. Haverá de ouvi-lo no salão do Alvorada:

— Como é que você me faz uma dessas, Fernando?

